



6º Congresso de Pós-Graduação

OS APELIDOS E SUAS IMPLICAÇÕES NO CORPO

Autor(es)

JOSE CARLOS DE OLIVEIRA JUNIOR

Orientador(es)

WAGNER WEY MOREIRA

1. Introdução

Atualmente observamos no ambiente social um comportamento direcionado pelo símbolo de distinção causada por valores do racionalismo que refletem no ser humano. Do presente estudo, verifica-se que os apelidos podem carregar idéias preconceituosas e discriminatórias, muitas vezes relacionadas com aspectos físicos ou de origem, tais como: o “gordo”, o “magro”, o “alto”, o “japonês”, o “negro”, o “baiano”. Os apelidos utilizados como “brincadeiras” têm suas implicações no corpo, aqui entendido de maneira ampla, integrando todos seus aspectos (inclusive mente). Ademais, os apelidos são meios de perseguições e gozações que humilham e isolam as vítimas (VEREDA, 2007). Dentro do universo cultural, de representação corporal, há um sujeito que possui uma essência interior (seu “eu real”), que forma e modifica um diálogo contínuo com os mundos culturais internos e as identidades construídas (HALL, 2003, p. 10). O estudo dos apelidos é um desafio em desmistificar como funciona esta “brincadeira” que desqualifica as pessoas e que podem resultar em traumas.

2. Objetivos

Analisar e discutir baseado em uma revisão bibliográfica, a concepção dos apelidos da escola segundo a sua relação com a racionalidade e suas implicações para o corpo.

3. Desenvolvimento

Esta discussão está pautada em levantamentos bibliográficos na UNIMEP, USP e PUC-SP, a partir de temas como: racionalidade, corpo e apelidos. A racionalidade[1], que é um sistema filosófico do século XVII, tem uma influência muito forte na modernidade, de maneira que todas as nossas construções,

interpretações e pensamentos são influenciados por este método lógico matemático, cujo objetivo é obter a verdade. A educação contém ideal da racionalidade porque visa formar o ser humano por meio do conhecimento científico, que é uma forma de justificar a competência dentro de nossa sociedade, que valoriza seus seres humanos proporcional a tais conteúdos racionais (ALTHUSSER, 1986; BOURDIEU, 2007; KANT, 2006; DECLARAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO 1990). Por conseguinte, o domínio do conhecimento racional é uma forma de ampliação do “EU” estável e poderoso e acaba dando causa a um sentimento de “superioridade”, derivado da necessidade de ser um homem completo[2] (CABRAL 1979). Na nossa sociedade, os apelidos, como as piadas, fazem parte de nosso universo cultural. A ação de apelidar ou colocar uma denominação corporal é uma forma de classificação ampla dos tipos humanos existentes em determinada sociedade, que é determinada segundo seus padrões de aparência. Em Portugal, o apelido é considerado como o nome da família ou um sobrenome. Mas, no Brasil é utilizado para denominar, qualificar, classificar o corpo de uma pessoa pelo uso informal, ou polido de uma convocação ou chamamento. Trata-se de um sinônimo de alcunha, que é uma denominação ou qualificação que se usa no lugar do próprio nome de alguém, de um grupo de pessoas, ou de um povo (HOUAISS, 2003). Assim, no emprego de alcunhas projeta-se uma intencionalidade corporal, segundo os padrões pré-estabelecidos, que busca por meio de linguagens e por sistemas simbólicos formar um sentido de identidade (WOORDWARD, 2000). Logo, formam o princípio da identidade que é analisar, conferir, comparar e adicionar no corpo a essência metafísica, da fragmentação, da valorização de uma determinada constituição que está pautada pela diferença (HEIDEGGER, 1971). Reproduzimos os valores de uma sociedade por meio de hábitos ou cultura (hábitos e costumes) de uma classe superior (BOURDIEU, 2007). Observamos que, na sociedade ao corpo é destinado a arquitetura da racionalidade, através do olhar dual da filosofia ocidental, que separa a razão e a imaginação, o corpo e o espírito. Esta construção mitológica está inserida dentro da concepção humana como um aspecto natural. O resultado motivado pela racionalidade foi a existência de uma visão de distinção, através da representação do homem como um animal racional, destinando um valor para o “logos” e pouco valor para a “physis” (SERGIO, 2003). Assim, o ser humano se dividiu através de valores simbólicos. A mente, que é o lado mais próximo da perfeição divina e que é a responsável pelo comando das ações. Por seu lado, ao físico (sentimento, emoção, sonho, fantasia, imaginário) não foi destinada a atenção devida, pois considera-se que o mesmo poderia nos enganar e enfraquecer. Em outras palavras, o físico é entendido como organismo complexo composto de peças maquinarias que se desgasta por obedecer o comando e chega ao extremo, ao seu fim, a morte, como uma situação abominável pela sociedade (DESCARTES, 2006). Esta verdade sustentada pelos racionalistas é um preconceito típico de reconhecimento de perfeição pelo processo de evolução criado pela crença metafísica de nosso tempo. Esta avaliação se dá pelo método lógico, “partindo deste seu ‘crer’, esforça-se pelo seu ‘saber’, algo que no fim, é batizado solenemente como “verdade””. Desta forma, temos que retomar conscientemente, com a razão em equilíbrio com nossas percepções em relação às armadilhas que impedem de nos manifestar (NIETZCHE, 2002, p. 34). Para o ser humano, o excesso de tecnologia confunde a visão corporal ao invés de esclarecer, pelo fato de que o corpo é um dos elementos que definem quem somos e que forma nossa identidade (WOORDWARD, 2000). A formação de nossa identidade acontece de forma relacional, amparado na história, aparece como um componente externo que a molda segundo princípios e valores. Assim, o apelido forma o imaginário do indivíduo, que faz uma imagem interna de si próprio por meio de influência do coletivo. Segundo Foucault, na sociedade do século XIX um novo princípio, que visa proteger o corpo pelo olhar médico, com aplicações de receitas terapêuticas, utilizadas como estratégia de eliminação dos doentes, controle dos contagiosos e a exclusão dos delinquentes. Desta forma, o método de assepsia foi substituído pelo suplício: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos “degenerados” (FOUCAULT, 1996). Logo, este corpo social está presente em nosso século XXI com o mesmo domínio de consciência como estratégia de universalizar as vontades, na busca por um objeto de desejo, como forma de superação corporal saciada por um objeto, ou corpo perfeito, ou corpo objeto de prazer e sedução – símbolo máximo capitalista, sendo que em nosso século, está simbolizado pelas tecnologias ligadas à estética corporal (cirurgias plásticas e manipulações genéticas). O contexto da reprodução de toda a estrutura social do padrão de beleza refletem nas instituições que moldam os indivíduos para inculcar valores que reforçam uma visão puramente estética. Por isso, os apelidos se proliferam em todos os terrenos sociais, como em nossas casas, na rua, na escola, no trabalho, nos espaços de lazer e pelos veículos de comunicação inscritos e falados (FOUCAULT, 1986; ALTHUSSER, 1985). A falta de alteridade, que é a condição de ver o outro como importante na sua troca

interpessoal, faz com as interações humanas se dêem por meio de conflitos criados pelos valores de diferença. Por conseguinte, o apelido posto como interação humana é construído em função da desvalorização do outro, que visa idealizar os modelos culturais mesmo que seus contornos e limites escondem os problemas políticos e econômicos (VELHO, 2000). Logo, o apelido nas diferentes manifestações é marcado pela diferença, simbolizando um embate que busca por domínio nas relações sociais, a utilização como uma forma de poder sobre o outro, uso com o fim de destruição de representação pessoal, ligado ao aspecto corporal, destruição da auto-estima e intimidação. Enfim, os apelidos podem gerar ansiedade, que é medo pelo mal da denominação, sentimento este que gera dor que desequilibra toda a reação energética, causando raiva, que acumulada é apreendida dentro do eu como culpa. Se esta culpa não for aliviada, o acúmulo vira depressão e todas as doenças psíquicas. Portanto, a perda de identidade causada pelos apelidos faz com que as pessoas percam o amor, o controle e auto-estima (VISCOTT, 1982).

[1] A racionalidade é um sistema filosófico criado por Descartes e que tem por fundamento a valorização da razão/lógica em detrimento da emoção/corpo.

[2] Essa necessidade de ser um homem completo, como forma de almejar o poder é um reflexo do comportamento adulto, dos sentimentos de inferioridade de período infantil, reflexo esse que pode redundar em luta neurótica para superar e compensar o complexo infantil (CABRAL, 1979).

4. Resultado e Discussão

As vítimas de apelidos pejorativos sofrem danos semelhantes de violência brutal, conforme conclui o estudo do fenômeno bullying, que demonstra que as vítimas escolares reagiram com depressão, suicídio, com evasão escolar e com assassinatos (chacinas com arma de fogo) promovidos por quem sofreu (FANTE, 2005).

5. Considerações Finais

Os apelidos são nomes e adjetivações destinados aos corpos que estão fora dos padrões sociais valorizados como uma brincadeira pautada no desprezo de identidade. Assim, fica evidente que os atributos racionais de superioridade humana de nosso antropocentrismo, fizeram com que o homem fosse superior a toda a espécie animais, motivados por este simbolismo, a nossa sociedade construiu tais padrões estéticos, resultando na reprodução de apelidos como brincadeira de insatisfação com o corpo do outro. Este fenômeno acontece em todos os espaços sociais, como nas nossas casas, na rua, no trabalho, nas escolas, nos clubes, estabelece um clima de medo e perplexidade para as vítimas.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 10ª ed., 1985.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11ª ed., 2007, 322p.

CABRAL, Álvaro. Dicionário de Psicologia e Psicanálise. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2ª ed., 1979.

DESCARTES. René. Discurso do Método: Regras para a Direção do Espírito. São Paulo: Martin Claret,

2006.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2ª ed, 2005.

FOUCAULT, Michael. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 6ª ed., 1996.

.HALL, S. A Questão da Identidade Cultural. Campinas: IFCH/UNICAMP, texto didático 18, 3ª ed., 2003.

HEIDEGGER, M. O que é isto – a filosofia? Identidade e diferença. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

HOUAISS, Instituto Antonio. Dicionário de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

KANT, Immanuel. Sobre Pedagogia. Piracicaba: Editora UNIMEP, 5ª ed., 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio para uma filosofia do Futuro. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. Fragmentos Póstumos (Textos Didáticos). São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2ª ed, n. 22, junho, 2002.

SERGIO, Manuel. Alguns olhares sobre o corpo. Portugal: instituto Piaget, 2003.

VELHO, Gilberto. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (Org.). Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 2000.

VEREDA, Rita de Cássia. Apelido pejorativo na Escola: Um estudo com adolescentes paulistanos. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação (PUC- São Paulo). São Paulo, 2007.

VISCOTT, David Steve. A linguagem dos sentimentos. São Paulo: Summus, 13ª ed, 1982.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual. (IN) SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.

DECLARAÇÃO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS DE 1990

http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030620161930/20030623105532/.
Acessado em 18.08.2008